



**Said Ali pelas lentes de Evanildo Bechara:
entrevista concedida a Thaís de Araujo da Costa em
30/06/2021**

Said Ali through the lens of Evanildo Bechara:
interview granted to Thaís de Araujo da Costa on
30/6/2021

Michel Marques de Faria*
UNICAMP

Thaís de Araujo da Costa**
UERJ/UFF/UNICAMP

Resumo: *O presente texto consiste na retextualização de uma entrevista realizada, por telefone, em 30 de junho de 2021, por Thaís de Araujo da Costa com o Professor Evanildo Cavalcante Bechara a respeito de Manuel Said Ali Ida.*

Palavras-chave: *Manuel Said Ali Ida, Evanildo Bechara, Entrevista.*

Abstract: *The present text consists of the retextualization of an interview carried out, by telephone, on June 30, 2021, by Thaís de Araujo da Costa with Professor Evanildo Cavalcante Bechara about Manuel Said Ali Ida.*

Keywords: *Manuel Said Ali Ida, Evanildo Bechara, Interview.*

“(…) a figura do Said Ali não passou. Ela
continua”. (Evanildo Bechara)

Introdução

30 de junho de 2021, quarta-feira à tarde. Seria mais um dia quente no Rio de Janeiro não fosse aquilo que eu estava prestes a vivenciar nos próximos minutos. Àquela época, eu organizava, ao lado de Claudia Pfeiffer e Vanise Medeiros, o *I Seminário do Arquivos de Saberes Linguísticos: homenagem a Said Ali*, que em virtude da pandemia de SARS-COV-2 aconteceria de modo remoto. Nossa ideia inicial era convidar o Prof. Evanildo Bechara para participar de uma das mesas, o que infelizmente não foi possível. Bechara, no auge dos seus 93 anos, não era adepto da tecnologia, dos computadores, das videoconferências ou dos eventos on-line. Foi então que surgiu a ideia de gravarmos uma entrevista com ele por telefone para ser exibida no encerramento do seminário, que ocorreu de 8 a 12 de novembro de 2021¹.

O contato com o Prof. Bechara havia sido realizado previamente por intermédio do Prof. Ricardo Cavaliere, a quem agradeço imensamente pela gentileza. Bechara aguardava, então, a minha ligação e já havia aceitado me conceder uma entrevista a respeito de Said Ali, mas ainda assim eu estava muito nervosa. O calor parecia insuportável e o meu coração de professora, pesquisadora e admiradora estava prestes a sair pela boca quando uma voz, ao mesmo tempo forte e calma, atendeu ao telefone. A conversa cuja transcrição segue abaixo durou cerca de uma hora. Foi uma hora de um bate-papo emocionante e de suma importância para a historicização do nome Manuel Said Ali Ida na história do conhecimento linguístico-gramatical no/do Brasil. Aproveito para deixar aqui registrado meus mais sinceros agradecimentos pela disponibilidade e generosidade do Prof. Bechara em compartilhar suas recordações a respeito daquele que o introduziu nos estudos da linguagem.

Gravada a entrevista, eu e Michel Marques de Faria – a quem não poderia deixar de agradecer por mais essa parceria – demos início ao trabalho de transcrição, edição e revisão. Foram cerca de seis meses de um trabalho árduo cujo resultado colocamos à disposição da comunidade acadêmica com a expectativa de que possa instigar o desenvolvimento de novas pesquisas sobre Said Ali. Passemos à entrevista².

Entrevista com Evanildo Bechara

Evanildo Bechara: Falar sobre o professor Said Ali é para mim não somente uma honra, mas um dever de gratidão. Ele me acolheu quando eu tinha 14 para 15 anos.

Thaís Costa: E como foi esse encontro com o professor Said Ali, Professor Bechara?

E.B.: O Said Ali foi o seguinte: Eu comecei a ler a sua obra por uma questão fortuita. Imagine você que o meu tio e pai de criação, irmão do meu avô, era militar e gostava de fazer o que nós chamamos de faxina, não é? Fazer uma, vamos dizer, volta às coisas antigas para jogar fora ou doar as roupas, os livros... E, numa dessas andanças de revisão, eu estava acompanhando e ajudando o meu tio-avô – a pessoa que acabou de me criar depois dos 12 anos de idade – e houve um momento em que ele disse: “Olha, você que gosta de língua portuguesa e que gosta de ler esses livros, eu tenho aqui um livro de um autor chamado Said Ali”. E passou para as minhas mãos a primeira parte da *Gramática Histórica* do Said Ali. Mais tarde eu descobriria que esse livro não se chamaria *Gramática Histórica*. Said Ali já tinha lido Ferdinand de Saussure. E Saussure diz que uma gramática não é histórica... Diz que você não pode escrever uma gramática histórica. Você pode descrever uma gramática, mas não fazer uma gramática histórica. E o professor Said Ali, que tinha inicialmente dado ao seu livro o título de *Gramática do português histórico*, acabou aceitando posteriormente a denominação gramática histórica.

T.C.: E ele havia compartilhado isso com o senhor? Digo, esse desejo de que se chamasse *Gramática do Português Histórico*?

E.B.: Por influência das leituras de Ferdinand de Saussure, do *Curso de Linguística Geral*, que, como você sabe, nasceu por uma coincidência, porque o Ferdinand de Saussure não escreveu uma linha desse livro. Esse livro foi escrito pelas reminiscências culturais de dois discípulos do professor Ferdinand de Saussure.

T.C.: Professor, e como o Professor Said Ali teve acesso a esse livro do Ferdinand de Saussure? Porque ele cita já no *Dificuldades da Língua Portuguesa*, na segunda edição, em 1919...

E.B.: Exatamente.

T.C.: E o livro é de 1916!

E.B.: O professor Said Ali não era professor de língua portuguesa. Ele era professor de línguas estrangeiras: alemão, francês, inglês. Tanto que ele tem na bibliografia dele livros sobre todas essas línguas. Ele tem uma gramática alemã. Ele tem uma gramática francesa, que é uma adaptação de um livro didático muito feliz, muito bem-feito na Alemanha. Ele, como era descendente de alemães, estava muito ligado à cultura alemã. E então ele leu Ferdinand de Saussure muito cedo.

T.C.: Mas naquela época eu imagino que havia uma dificuldade para que o livro chegasse até o Brasil...

E.B.: Não, não... Acontece o seguinte: o professor Said Ali trabalhou em livrarias, principalmente, na livraria alemã chamada Laemmert. Ele era professor de língua estrangeira, a tese dele para o Colégio Pedro II foi sobre alemão. Ele era catedrático de alemão do Colégio Pedro II e era também catedrático de alemão e francês da escola militar aqui do Rio de Janeiro. O Professor Said Ali tem uma bibliografia muito extensa sobre língua e literatura estrangeiras. A literatura, principalmente, francesa. E língua, o alemão, o inglês e o francês. E quase todo ano viajava para o estrangeiro. Tanto que ele se casou com uma alemã, que ele conheceu na Alemanha.

T.C.: Eu li certa vez numa entrevista do senhor que o livro do Saussure foi o primeiro livro de linguística que o professor Said Ali pediu que lesse. É isso?

E.B.: Não. Esse conselho foi dado ao Sousa da Silveira. O Sousa da Silveira era engenheiro da Central do Brasil. Mas, depois de desenvolver uma atividade de engenharia, ele chegou à conclusão de que a sua grande virtude era o magistério. Então, ele foi professor das primeiras tentativas universitárias aqui no Rio de Janeiro. São Paulo foi primeiro; e, logo depois, o Rio de Janeiro foi o segundo.

T.C.: Muito interessante. Inclusive, a atualidade do pensamento do professor Said Ali não se manifestou tão somente no *Dificuldades da Língua Portuguesa* e na sua *Gramática Histórica*. Eu estava lendo recentemente o relatório que ele produziu para o Ministério...

E.B.: Exatamente... Mais de um relatório dessas viagens que ele fazia ao estrangeiro.

T.C.: Isso! Eu estava lendo o de 1896. Nesse relatório, ele já defendia a criação de um “alfabeto racional”³ que tivesse exatamente tantos símbolos quantos forem os sons do idioma em estudo.

E.B.: Exatamente, exatamente...

T.C.: O relatório é de 1896... Isso é incrível!⁴

E.B.: É porque ele leu desde cedo Delbrück⁵, Brugman⁶, Osthoff⁷... todos esses grandes mestres da linguística não somente descritiva, mas da linguística histórica alemã e inglesa. Ele estava a par dessas informações todas. Ele acompanhava todas essas discussões, pois ele frequentava a Europa. Eu não sei se todo ano, acredito que não, porque uma viagem de navio para a Europa demorava muito. Hoje, você faz uma viagem Rio de Janeiro-Paris em 10 horas. Antigamente demorava de 10 dias para cima, porque era só de navio. E o navio ia parando nos portos principais, de modo que a viagem era muito mais demorada do que hoje.

T.C.: Sim. O professor Mário Viaro, nessa oitava edição que saiu em 2001 da *Gramática Histórica*, faz um comentário interessante ainda sobre essa questão. Ele fala que, no *Vocabulário Ortográfico* de 1905, o professor Said Ali surpreende o leitor porque ele já adota a “anotação entre colchetes de símbolos do alfabeto fonético internacional”⁸.

E.B.: Exatamente, exatamente. Eu acho que no Brasil talvez tenha sido a primeira utilização das ideias do alfabeto Internacional.

T.C.: Era isso que eu queria perguntar ao senhor... Então o senhor acha que é bem provável que tenha sido o primeiro a utilizar?

E.B.: Você sabe que naquele tempo o professor, além da sua atividade de sala de aula, tinha uma atividade investigativa, não é? Ele procurava acompanhar o progresso da disciplina, da sua ciência etc. Então eu não posso dizer a você que tenha sido o primeiro, mas talvez, no Brasil, acredito que seja, senão o primeiro, um dos primeiros a usar o alfabeto fonético internacional, quer dizer, os primeiros passos do alfabeto fonético internacional.

T.C.: Maravilhoso isso, professor. O senhor saberia dizer se o professor Said Ali trocava correspondência com algum linguista europeu? A correspondência trocada com Capistrano de Abreu é muito conhecida...

E.B.: Isso... isso, é...

T.C.: E com algum outro estudioso europeu?

E.B.: Olha... Acontece o seguinte: como ele viajava com relativa frequência à Europa, esses contatos eram mais diretos, corpo a corpo, do que por correspondência.

T.C.: E o senhor saberia de algum linguista com quem ele teve contato corpo a corpo na Europa nessas viagens?

E.B.: Olhe... Uma vez eu visitei nos Estados Unidos um professor alemão – agora eu não me lembro do nome dele. E, conversando, ele disse: “Ah! Conheço o professor Said Ali. Estivemos em vários congressos lá na Europa etc.”. O Said Ali frequentava essa linha de pesquisa Internacional. Então ele conheceu muitos estudiosos. Eu não sei se ele chegou a conhecer pessoalmente o Ferdinand de Saussure. Ele frequentava principalmente os congressos realizados na França, na Alemanha e na Inglaterra. Logo depois se uniu à Espanha e a outros países de língua românica. O Said Ali tinha conhecimento com alguns linguistas que exerciam atividades na Europa, tanto na Alemanha como na França e um pouco na Inglaterra.

T.C.: E, no Brasil, o senhor saberia se o professor Said Ali trocava correspondência com outro intelectual brasileiro, além do Capistrano de Abreu?

E.B.: Não, não. Assim com a frequência do Capistrano não. Eles eram colegas no Colégio Pedro II.

T.C.: Mas, olhando as cartas do professor Capistrano que foram publicadas, me parece que a parte do Said Ali, a sua correspondência ativa, está incompleta⁹. Há uns lapsos temporais ali e está faltando a correspondência que o professor Capistrano teria enviado ao professor Said Ali. Aí eu me perguntei algo: quando o professor Said Ali faleceu, provavelmente ele deixou uma biblioteca, os seus documentos...

E.B.: Não, não. Antes desse momento nós tivemos um outro momento, foi a morte da esposa alemã dele. Quando a esposa alemã faleceu, eles moravam em Petrópolis. Como o casal não teve filho, precisava que aparecesse um parente que tomasse conta do professor Said Ali. Então apareceu uma sobrinha dele, uma sobrinha-neta, Dona Josefina, que morava na Praia do Flamengo. O edifício ainda existe, é um edifício de esquina. Eu frequentei muito esse edifício, porque, quando convivi com o professor Said Ali com essa idade de 14 e 15 anos, eu ia à casa dele geralmente no mínimo duas vezes por semana.

T.C.: O senhor o conheceu aqui no Rio já?

E.B.: Eu já o conheci no Rio, porque, como eu disse, ele ficou viúvo em Petrópolis e não havia ninguém que se apresentasse para ficar com o Said Ali, e a sobrinha-neta dele, Dona Josefina, que morava aqui no Rio de Janeiro, se ofereceu. Ela tinha 4 ou 5 filhas, todas meninas, todas moças. Como ela se ofereceu para tomar conta do professor Said Ali, eu a conheci e o esposo dela também.

T.C.: E aí ele trouxe os livros da sua biblioteca?

E.B.: Não, não. Então, aconteceu o seguinte: quando surgiu a necessidade de ele vir morar no Rio de Janeiro, porque ele trabalhava no Rio de Janeiro, tanto no Colégio Militar, como trabalhava no Colégio Pedro II... Aliás, quando a esposa faleceu, eu acredito que ele já estava aposentado. Então, a necessidade de ele se transferir de Petrópolis para o Rio de Janeiro o levou a fazer uma primeira divisão da sua biblioteca. Ele doou a biblioteca, a grande parte da sua biblioteca, a um instituto alemão lá em Petrópolis, se não me engano chamado Germânia. O Said Ali ficou apenas com aqueles livros mais importantes da bibliografia dele para uso diário.

T.C.: Também é comentado sempre em textos que falam sobre o professor Said Ali de umas fichas que ele fazia com fragmentos de literatura.

E.B.: Exatamente. Exatamente. Das leituras do Said Ali, ele fazia fichas. Aliás, nós aprendemos a fazer fichas com o professor Said Ali. A geração anterior à minha, discípula do Sousa da Silveira, foi uma geração que aprendeu a fazer fichas, principalmente um professor com quem estudei na faculdade, Jesus Belo Galvão. Eles aprenderam a fazer fichas de leitura com Said Ali. À medida que ia lendo livros não somente técnicos, mas também literários, os fatos linguísticos eram registrados em fichas. E o Said Ali tinha um fichário bem amplo, que ele aproveitava em seus estudos.

T.C.: O senhor saberia dizer onde estão essas fichas hoje?

E.B.: Aí é que é o problema. Esse professor, Jesus Belo Galvão, se interessou em publicar o que restava do fichário do Said Ali e procurou uma livraria para fazer uma edição. Foi a Livraria Acadêmica. Mas acontece que, apesar do grande valor das fichas, elas nunca foram ordenadas para serem publicadas. Foram ordenadas para servirem de repositório dos fatos linguísticos que ele ia observando. Então, não havia uma unidade de livro. Como não havia ninguém que tivesse uma relação mais íntima com esse fichário, ele desapareceu.

T.C.: Ai que tristeza...

E.B.: É... se não me engano, ele desapareceu na própria Livraria Acadêmica. Uma outra parte do fichário do Said Ali, aquele mais próximo dele e que ainda era utilizado para escrever os seus artigos, por influência do professor Júlio Nogueira, que era professor do Colégio Pedro II, se incorporou aos poucos livros, aos muitos poucos livros –

porque foi o que restou da biblioteca do professor Said Ali, talvez uns 100 ou 200 volumes – e foram recolhidos para a biblioteca do Colégio Pedro II. Mas o que você viu e vê ali é o mínimo do que foi o grande fichário de que o professor Said Ali se aproveitou para escrever os seus trabalhos.

T.C.: Nossa! Eu tenho uma imensa curiosidade de ver essas fichas, professor.

E.B.: É... Mas o fichário que foi para o Pedro II é o mínimo que você pode ter de ideia da grande riqueza do fichário que Said Ali desenvolveu durante a sua atividade de pesquisador.¹⁰

T.C.: As cartas trocadas com o professor Capistrano, podem estar também na biblioteca do Colégio Pedro II?

E.B.: Não sei, não sei... O professor Said Ali, diferentemente de Capistrano de Abreu, não era assim, vamos dizer, um aficionado em matéria de escrever cartas. As cartas do Said Ali são muito, muito raras. E ainda mais porque o círculo de amizade do Said Ali era também muito restrito. O Said Ali era um homem, assim, de grandes princípios e era muito rigoroso nos seus princípios.

T.C.: Entendi. O senhor comentou que o Said Ali nunca deu uma aula de língua portuguesa...

E.B.: Isso. Meu Mestre Nascentes, foi aluno de alemão, como Souza da Silveira, eles foram alunos de alemão do Said Ali no Colégio Pedro II.

T.C.: O Manuel Bandeira também foi aluno dele, não é?

E.B.: Pois é, pertenciam à mesma turma do Colégio Pedro II: o Nascentes, o Sousa da Silveira e o Manuel Bandeira. Eles eram alunos do Said Ali. Tanto que um dos livros do Said Ali, um dos últimos livros, publicado pela Biblioteca Nacional tem um prefácio escrito pelo Manuel Bandeira, ou pelo menos estava sendo preparado, porque quem ia fazer o prefácio, por vontade do Said Ali era eu. Mas eu era um garoto de 17, 18, 20 anos. Então quem tomou a iniciativa de fazer o prefácio foi o Bandeira. No prefácio, ele diz que, ao lado do Sousa da Silveira, do Professor Nascentes, foi aluno de alemão do professor Said Ali¹¹.

T.C.: Entendi. E falando da relação dele com o professor Capistrano... Como é que o senhor caracterizaria essa relação para o desenvolvimento das reflexões linguísticas do professor Said Ali? Porque, por meio das cartas, eu pude perceber que o professor Capistrano emprestava livros para o professor Said Ali... Os dois discutiam sobre questões linguísticas.

E.B.: Isso. Eles emprestavam e trocavam livros. Um emprestava ao outro, mas eu não penetrei muito nessa parte da atividade dele com o historiador brasileiro. Era mais parte relativa à história etc. etc. Ambos chegaram a escrever para uma coleção alemã uns 4 a 6 livros sobre línguas indígenas brasileiras.

T.C.: Nossa! O professor Said Ali era um homem de interesses bastante diversificados, não é? Ele também escreveu um livro de Geografia...

E.B.: É. Pelo seguinte: naquele tempo você não tinha ainda as faculdades profissionalizantes. Você só tinha Direito, Medicina e Engenharia. Não havia ainda as faculdades que apareceram depois, as Faculdades de Letras e outras disciplinas. Então, o indivíduo, quando tinha uma vocação para o lado intelectual, ele não sabia em que área ele iria se situar. Tanto que o Said Ali, durante algum tempo, pensou que fosse ser professor de Geografia.

T.C.: E foi inovador na Geografia também, não é, professor?

E.B.: Pois é, também. Graças, em grande parte, às leituras alemãs e ao contacto com o nosso historiador cearense, não é? Esse a que nos referimos agora... O Capistrano de Abreu.

T.C.: Sim, sim... Professor, o senhor está muito cansado? Eu posso continuar?

E.B.: Não, não. Falar sobre o Said Ali é uma doçura para mim. É um encanto e é um dever. É um dever de discípulo.

T.C.: Ai que alegria! Professor, muito obrigada. Ouvir isso me deixa com o coração aquecido. Então, falando sobre a *Gramática Histórica*, recentemente eu tenho voltado a minha atenção sobre essa obra e sobre a polêmica instaurada quando da publicação da sua primeira edição. O senhor já me disse que o desejo do professor Said Ali não era que se chamasse *Gramática Histórica*, mas *Gramática do Português Histórico*. Isso foi falado por ele para o senhor, não é?

E.B.: Isso, isso mesmo.

T.C.: Certo! E uma outra questão é: o senhor comenta em um dos textos que escreveu a respeito da *Gramática Histórica* que um dos motivos para essa baixa aceitação da primeira edição teria sido o não atendimento ao conteúdo previsto no currículo escolar da época...¹²

E.B.: Exatamente. O livro tinha uma denominação diferente e eles queriam que o livro servisse de texto para os estudos daquela época...

T.C.: Havia uma disciplina obrigatória chamada Gramática Histórica naquela época?

E.B.: Todas as gramáticas que saíam no mundo, saíam com o nome de Gramática Histórica. Na escola, esse conteúdo era estudado no último ano do curso de formação geral. Nós tínhamos o ginásio e depois do ginásio tínhamos um outro curso denominado curso complementar que acabou sendo chamado por esse nome que nós conhecemos hoje... Ensino médio.

T.C.: O senhor já falou da diferença do nome da *Gramática Histórica*. E em relação ao conteúdo?

E.B.: A diferença era muito grande porque as gramáticas históricas começavam primeiro com o latim, latim clássico, latim vulgar, para então chegar ao português. Quando chegavam ao português, elas paravam. E o Said Ali procurou avançar nesse domínio, de modo que a gramática do Said Ali foi a primeira que enveredou por esse novo campo da investigação linguística, por isso ele não chamou de gramática histórica.

T.C.: E ao seu ver ela se filia à linguística diacrônica, isto é, à que é proposta no *Curso de Linguística Geral*?

E.B.: Exatamente. E por isso se chamava *Gramática do português histórico*. E por que o português histórico? Pois era o que estava documentado em textos. Então, começávamos a estudar primeiramente o português antigo.

T.C.: O interessante em relação a essa obra é que hoje em dia ela é considerada uma referência, não é?

E.B.: Sim. Uma referência pela maneira de encarar os assuntos. Porque era uma obra que tinha uma grande influência das ideias linguísticas da época do Ferdinand de Saussure, do Delbrück, do Brugman. O Saussure, como nós sabemos, era suíço; o Delbrück e o Brugman eram alemães. Então esses autores foram os que começaram os primeiros passos dos estudos históricos no domínio da língua.

T.C.: E quando, a seu ver, essa recepção em relação à *Gramática Histórica* muda? Quando ela deixa de ser, como o senhor afirma em um dos seus textos, “um desastre editorial”¹³ e passa a ser essa obra de referência?

E.B.: Isso acontece depois da leitura do curso de Ferdinand de Saussure no Brasil, principalmente com a grande colaboração de um linguista teórico muito bom, Mattoso Câmara Júnior. Infelizmente ele escreveu muito menos do que poderia ter escrito, mas foi quem deu a primeira construção científica dessa realidade nova. A obra do Mattoso teve

grande influência alemã, inglesa e francesa e, principalmente, de Ferdinand de Saussure.

T.C.: Professor, e como a família do Said Ali chegou ao Rio de Janeiro?

E.B.: Foram os pais que chegaram ao Rio de Janeiro. Quer dizer, os pais não. A mãe, porque o pai já tinha um hotel em Petrópolis chamado Hotel dos Estrangeiros. O pai dele tinha esse hotel, ele era árabe e a mãe alemã.

T.C.: Mas o professor Said Ali foi aprender a falar árabe bem mais tarde.

E.B.: Bem mais tarde! Porque a primeira língua dele era a língua materna, o alemão.

T.C.: Por isso o senhor diz em um de seus textos que ele só descobriu posteriormente que a pronúncia do nome dele em árabe era diferente da que conhecia.

E.B.: Exatamente, exatamente!

T.C.: E como deveria ser pronunciado? Em um texto, o senhor afirma que a pronúncia deveria ser com o primeiro “i” tônico e o segundo átono.

E.B.: É, exato. Foi a informação que eu tive dos árabes. Mas ele sempre aceitou ser chamado Said Ali¹⁴, embora servisse para trocadilho, né?¹⁵

T.C.: Ah, é? Por quê?

E.B.: Porque as pessoas diziam “sai dali, não sai daqui, sai de outro lugar” ...

T.C.: Ah! Que maravilhoso! E ele ficava chateado?

E.B.: Não sei... Acho que não.

T.C.: E como era o Professor Said Ali no seu dia a dia?

E.B.: Olhe, em primeiro lugar, é difícil saber disso porque o círculo de amizades dele era inicialmente o petropolitano. E eu só conheci o Said Ali aqui no Rio de Janeiro, quando ele já estava na casa da Dona Josefina.

T.C.: Mas ainda assim aqui ele tinha muitas pessoas que o admiravam...

E.B.: Ah sim! Sem dúvida nenhuma. E também pessoas que não gostavam dele...

T.C.: Sério? Disso eu não sabia!

E.B.: É. Ele também teve alguns inimigos com os quais ele brigou de bengala. Mas isso se conta anedotariamente. Uma das coisas que eu

aprendi antes de conhecer o Said Ali é: “Você vai conhecer o Said Ali, vai viver ao lado do Professor Said Ali para estudar português. Não tente penetrar na vida particular dele”. Eu nunca fiz uma pergunta particular da vida dele. O Said Ali não gostava dessas investigações diferentes da investigação científica.

T.C.: Mas é interessante que, apesar de manter esse distanciamento, ele aceitou recebê-lo com apenas 14 anos na casa dele...

E.B.: Exatamente. Eu tive umas dúvidas e fui procurar o Professor Said Ali. Primeiro, eu não sabia se ele morava no Rio de Janeiro. Então, eu peguei o catálogo de telefone – naquele tempo se usava catálogo telefônico –, e eu vi M. Said Ali, Rua da Glória. Aí eu disse: “Ué, o professor Said Ali mora no Rio de Janeiro”. Assim, eu telefonei. Said Ali já tinha passado dos 80 anos. Por uma questão de surdez, ele já não falava ao telefone. Então, uma outra pessoa me atendeu ao telefone e eu disse: “Olha quem está falando aqui é um discípulo dos livros do professor Said Ali. Eu tenho aqui algumas dúvidas e gostaria de saber se o professor me receberia. Eu sou do quarto ano ginasial”. A pessoa que me atendeu, então disse: “O senhor espere um minutinho que eu vou perguntar?”. Logo em seguida ela veio e disse: “O professor disse que o senhor pode vir no dia tal a tal hora”. Naquele dia e horário, fui à Rua da Glória e aí conheci o Professor Said Ali cara a cara.

T.C.: E como foi o primeiro encontro?

E.B.: Ah! Foi um encontro admirável porque ele para mim era o rei. Quando eu comecei a ler o *Dificuldades da Língua Portuguesa*, eu disse: “Meu Deus! Esse homem é excepcional. Esse homem tem uma cultura extraordinária”. Eu fiquei apaixonado pela cultura do professor e depois fiquei apaixonado pela própria figura humana do professor. Algum tempo depois ele perguntou: “O senhor tem a minha gramática alemã?” E eu digo: “Eu tenho, sim, senhor”. E ele pergunta: “E o senhor lê alemão?” Ao que eu respondo: “Não, não, senhor”. E, em seguida, me pergunta: “O senhor quer aprender alemão?”. Ao que eu digo: “Ah! Eu gostaria”. Por fim, ele diz: “Eu vou passar a dar aulas para o senhor de alemão”. Mas esse projeto não foi muito longe. As nossas pesquisas em língua portuguesa suplantaram essa preocupação.

T.C.: E, depois desse encontro com o Professor Said Ali, a sua orientação durou até que idade?

E.B.: Olha... Ficamos juntos 10 anos ou mais. Quando ele faleceu, eu já ia menos vezes à casa dele, porque eu já estava trabalhando, já era

professor. Mas estivemos juntos dos meus 14 anos até aproximadamente os meus 27.

T.C.: E que obra do professor Said Ali o senhor acha que é mais emblemática do gênio dele?

E.B.: Ah! *O Dificuldades da Língua Portuguesa*. É uma obra que ele foi aumentando com o tempo, foi acrescentando novos capítulos. É um livro fundamental.

T.C.: Professor, eu agradeço imensamente a sua generosidade.

E.B.: Que isso, querida! Eu é que agradeço a você de pertencer a uma geração nova que está imbuída no conhecimento do valor do professor Manuel Said Ali Ida.

T.C.: É verdade. Eu estou encantada. Cada vez mais encantada. E ouvindo o senhor falar tudo isso... Nossa, estou aqui sem palavras.

E.B.: Olha, o Capistrano de Abreu dizia uma frase que eu subscrevo integralmente. Eu digo isso em um artigo. O Capistrano dizia: “O Said Ali não é dos que se comparam. É dos que se separam”. Essa frase é muito profunda.

T.C.: Sem dúvida!

E.B.: Said Ali não é dos que se comparam... Quer dizer, comparando ele tinha acompanhante. Ele era dos que se separam, daqueles que outros não ficam ao lado.

T.C.: O Mattoso Câmara Júnior tem um artigo em que ele fala isso também. Ele diz que, quando colocamos o Said Ali diante de outros estudiosos da língua portuguesa, ele se destaca, inclusive, dos portugueses¹⁶.

E.B.: É. Integralmente. Mesmo porque a maioria dos estudiosos de língua portuguesa se guiavam pelos mestres franceses ou de língua francesa. E o Said Ali ia diretamente aos mestres alemães que tinham sido mestres desses mestres franceses.

T.C.: Sim, sem dúvida! Eu só tenho a agradecer ao senhor, não tenho palavras para dizer como foi importante esse contato.

E.B.: Falar sobre o Professor Sair Ali é, vamos dizer, pagar uma dívida imensa que eu tenho. Dívida não só intelectual, mas de coração. Fomos amigos de coração. De modo que é sempre com muita alegria que a gente mergulha na obra do Said Ali e fala sobre ela, principalmente para uma geração nova, que mostra que a figura do Said Ali não passou. Ela continua.

Bibliografia

ABREU, João Capistrano de. **Correspondência de Capistrano de Abreu**. Vol. 1, 2 e 3. Rio de Janeiro, Brasília: Civilização Brasileira, INL, 1977.

ALI, S. **O ensino secundário na Europa**. Relatório apresentado ao Ministério da Justiça e negócios por Manoel Said Ali Ida, lente de allemão do externato do gymnasio nacional, com desempenho da comissão de que foi encarregado em aviso do mesmo Ministério de 20 de março de 1895. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1896.

BECHARA, E. Manuel Said Ali Ida. In: **Revista Letras**, vol 5/6, 1956, pp. 167-182.

BECHARA, E. Manuel Said Ali Ida. (1993) Primeiros ecos de F. de Saussure na gramaticografia de língua portuguesa. In: **Revista Confluência**, n. 48, 1.º semestre de 2015, pp. 9-16.

CÂMARA JR., J. M. (1961) Said Ali e a língua portuguesa. In: UCHOA, C. A. F. (org.) *Dispensos*. Nova ed. rev. e ampliada. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004, pp. 223-226.

VIARO, M. E. Quem foi M. Said Ali? In: ALI, M. S. **Gramática Histórica da Língua Portuguesa**. 8ª ed. rev. e amp. por Mário Eduardo Viaro. SP: Companhia Melhoramentos; Brasília, DF: Editora da UNB, 2001, p. 8-10.

Notas

* Doutorando em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas. Mestre em Linguística pela mesma instituição. Graduado em Letras - Português/Italiano pela Universidade Federal Fluminense. É pesquisador do grupo de pesquisa CoLHIBri (O Cotidiano na História das Ideias Linguísticas) e integrante do Grupo Arquivos de Língua (GAL). Dedicar-se ao ensino de língua portuguesa na educação popular. Possui como áreas de interesse a Análise de Discurso materialista e a História das Ideias Linguísticas. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1535-9177>. E-mail: michelmarques@id.uff.br.

** Professora Adjunta de Língua Portuguesa da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), pós-doutoranda em História das Ideias Linguísticas no POSLING-UFF, sob a supervisão da Profa. Dra. Vanise Medeiros e membro do Grupo Arquivos de Língua (GAL-UFF), no qual coordena o Arquivos de Saberes Linguísticos (SaberLing/FAPERJ). Também é pesquisadora colaboradora no PPGL-IEL/Unicamp, sob a supervisão da Profa. Dra. Claudia Pfeiffer, e uma das coordenadoras do Laboratório de Estudos em Gramática & Discurso (LabGraDis-UERJ/FAPERJ). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8599-3528>. E-mail: araujo_thais@yahoo.com.br.

¹ O vídeo do último dia do evento encontra-se disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=y6jcXZRpdSs&t=1217s>.

² Registrem-se aqui também os devidos agradecimentos a Claudia Pfeiffer, Vanise Medeiros e Bruno Turra pela leitura e comentário deste texto.

³ ALI, 1896, p. 22.

⁴ A fundação da Associação Fonética Internacional (AFI) sob a liderança do linguista francês Paul Passy data de 1886. A publicação de um esboço do que viria a ser o alfabeto fonético internacional se deu em 1888. O primeiro quadro oficial só seria publicado em 1900. CF. PFEIFFER; COSTA; MEDEIROS, 2022 [neste dossiê].

⁵ Berthold Delbrück (1842-1922).

⁶ Karl Brugman (1849-1919).

⁷ Hermann Osthoff (1847-1877).

⁸ VIARO, 2001, p. 9.

⁹ A correspondência de Capistrano foi publicada em três volumes em 1977 pela editora Civilização Brasileira. Na coleção, há cerca de dez cartas de Said Ali e diversas cartas de Capistrano para outros destinatários em que tece comentários sobre Said Ali e sua obra. Os manuscritos se encontram na Biblioteca Nacional.

¹⁰ Durante o período de isolamento social em função da pandemia de SARS-COV-2, Thaís Costa entrou em contato com a bibliotecária do Colégio Pedro II, que se encontrava em trabalho remoto e não encontrou os livros e fichas de Said Ali.

¹¹ O livro é o *Versificação portuguesa*, de 1949. De fato, seu prefácio é de autoria de Manuel Bandeira.

¹² BECHARA, [1993] 2015.

¹³ id., ibid.

¹⁴ [‘saj.di.a.‘li]

¹⁵ No referido texto, diz o professor Bechara: “A outra questão é a que se refere à pronúncia do nome do Prof. Said Ali. Realmente, o rigor reclamaria Said (i acentuado) Al i (paroxítono). Criado, porém, entre colonos alemães de Petrópolis, só muito depois aprenderia a correta pronúncia de seu nome, na língua originária. A notícia certa, mas tardia, nunca lhe fez alterar a tradicional maneira de proferir Said (i átono) Ali (oxítono). Assim era como o mestre pronunciava seu nome, apoiado no hábito familiar e na experiência lingüística” (BECHARA, 1956, p. 179).

¹⁶ CÂMARA JR., [1961] 2004.